



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria. Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

PEREGRINAÇÃO DE Dezembro 13

A peregrinação do dia 13 de Dezembro último ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima na Cova da Iria foi aproximadamente igual, quanto à concorrência de fiéis, à dos anos anteriores no mesmo mês e dia.

Apesar do frio da manhã, que era bastante intenso no alto da serra, e do vento agreste que soprava, os peregrinos enchiam a futura Basílica onde se realizaram os actos religiosos oficiais. Como só raras vezes sucede, predominavam desta vez os ho-

mens, o que se podia verificar facilmente durante as duas procissões do costume com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Celebrou a Missa dos doentes o rev.º P.º António dos Reis, director espiritual do Seminário de Leiria, acolitado por dois alunos do Seminário local missionário de Nossa Senhora da Fátima. Na capela-mor, do lado do Evangelho, estavam os restantes alunos deste último Seminário.

A estação do Evangelho fez a homilia o rev. cónego Augusto de Sousa Maia, secretário particular de Sua Ex.ª Rev.ªm o Senhor Bispo de Leiria, que, depois de tecer um breve panegírico de Santa Luzia, pôs em relêvo as recomendações de Nossa Senhora da Fátima relativamente à oração e à penitência como condições necessárias para a salvação eterna.

Durante o Santo Sacrificio cantou-se a Missa de *Angelis*.

Feita, no fim da Missa dos doentes, a exposição solene do Santíssimo Sacramento, o celebrante deu a bênção eucarística individual aos 31 doentes inscritos e geral à multidão dos peregrinos.

O rev.º Monsenhor Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral da Diocese de Leiria, recitou a fórmula de consagração ao Imaculado Coração de Maria e fez as invocações habituais.

Tudo decorreu na melhor ordem e com um tom acentuado de devoção e piedade.

Assistiu aos actos oficiais da peregrinação o rev.º P.º Cazalt, missionário, que, desde o meado de Novembro findo, tem estado como hóspede do Seminário diocesano de Leiria, a preparar uma edição bilingue (em espanhol e

inglês) do mensário «Voz da Fátima», cujo primeiro número já se encontra impresso e deve aparecer à luz da publicidade nos primeiros dias do próximo mês de Janeiro.

Cançado o «Adeus», a multidão começou a dispersar-se, regressando os peregrinos às suas terras com a alma mais afervorada na sua fé e na sua piedade e com o coração cheio de celestes e suaves consolações.

VISCONDE DE MONTELO

NOTA — O Sr. Dr. A. Luís Gomes, administrador da Casa de Bragança, destinou 2 talhões das propriedades que lhe pertencem em Ourem, para a cultura de flores destinadas ao Santuário da Fátima, tendo a Direcção agrar decidido esta gentileza.

ACÇÃO CATÓLICA GENEROSIDADE

Mal vai ao apostolado quando a acção que se exerce é medida pela bitola rigorosa do dever.

Se alguém se pergunta ansiosamente a cada momento se há a obrigação estrita de praticar este ou aquêl acto, de assistir a tal ou tal reunião, de empreender qualquer iniciativa, estando na disposição de recusar tudo o que fica para além dessa obrigação, é certo que lhe falta espírito de sacrificio, e por isso, a sua actividade, embora brilhante, renderá pouco.

Imaginemos que também o Senhor media cuidadosamente a extensão das suas obrigações para com os homens. Nesse caso ainda não teria raiado a aurora da Redenção, porque Ele nenhum dever tinha de resgatar-nos.

A Redenção é uma obra de amor e não de dever. Há pessoas que se dão sem limites. Prontos a escutar sempre a voz compadecida do coração, não há sacrificios que não se imponham a bem dos outros.

Um filósofo racionalista escreveu que S. Vicente de Paulo antecipou na sua vida a época de altruismo, esquecendo-se de si para se sacrificar pela felicidade alheia. Um pensador que admita a evolução, desde o egoísmo feroz até ao altruismo perfeito, passando pelo ego-altruismo, pode falar assim. Mas o cristão dirá simplesmente que S. Vicente de Paulo exerceu com perfeição o espírito do Evangelho, que não é exclusivo de uma época futura, mas pertence a todos os tempos, desde que o Senhor ensinou, pela palavra e pelo exemplo, o grande mandamento do amor.

Como S. Vicente de Paulo, todos os santos foram alumados pela mesma luz e aquecidos pelo mesmo fogo de caridade.

No polo oposto, encontram-se almas que se dobram obstinadamente sobre si mesmas, desconhecendo e até desprezando tudo o que não se traduz em benefícios próprios. O seu desejo seria subordinar o mundo inteiro aos seus caprichos.

Entre os dois limites, há uma gradação variada de egoísmo e de generosidade.

Reflectindo sobre as nossas qualidades e tendências, podemos reconhecer se em nós predominam os sentimentos naturais de generosidade ou de egoísmo.

Mas, seja qual for a conclusão a que chegarmos, teremos de encaminhar a nossa vida no sentido da caridade, que sabe dar e dar-se, embora com a discreção que a prudência impõe.

Os princípios são claros. A vontade, auxiliada pela graça, terá de pô-los em exercício. Sabe-se o que pode uma vontade esclarecida e forte.

De pouco ou de nada valerão as mais lindas e sedutoras teorias, se não passarem do domínio abstracto das especulações às realidades imperiosas da vida.

Conhecemos o valor da generosidade. Para que o nosso apostolado seja ardente e fecundo, precisamos de exercê-la, em toda a actividade a que nos comprometemos.

Cumpramos o dever, todo o dever com devoção. Mas não nos fiquemos por aí, pois, só com êle, arriscamo-nos a ser clamorosamente injustos, e a tornar a alma perpendicular e fria.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

APÊLO

de Mons. Griffin, Arcebispo de Westminster, Primás de Inglaterra, a todos os portugueses:

«No fim de Julho do ano passado, às quatro horas da manhã, aterrei no vosso país. O porto e a cidade de Lisboa estavam brilhantemente iluminados em contraste de boas-vindas com a escuridão em que deixara mergulhada a Inglaterra. A minha estadia foi curta. De facto, apenas, poucas horas, porque eu ia a caminho de Roma para visitar o Santo Padre.

«Tive tempo, ainda assim, para visitar o Colégio Inglês, em Lisboa, que conta mais de três séculos de existência e que é um bom traço de união entre os católicos de Portugal e os católicos deste país.

«Desde esse momento, tenho muitas vezes estabelecido o contraste entre as luzes, a beleza, a paz que reinavam em Lisboa, com a desgraça, o horror, o ruído e a brutalidade da guerra que então envolvia a maior parte do continente da Europa.

«Atribuí a paz e felicidade reinando no vosso amado país ao

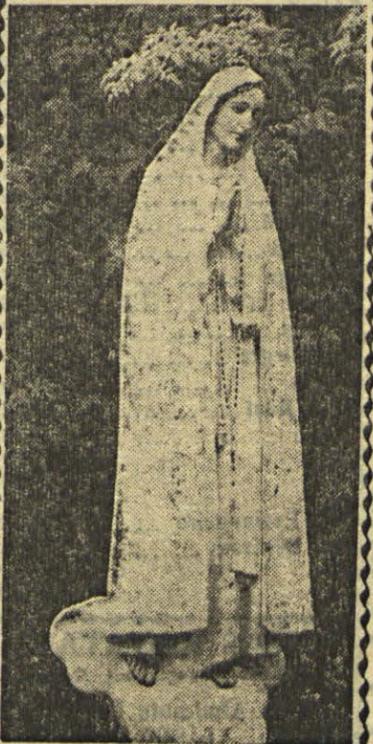


Imagem de Nossa Senhora de Fátima recentemente inaugurada na capela do Paço Episcopal de Salamanca (V. noticia na 2.ª página)

durante a terrível conflagração que se estendeu pela Europa vós permanestes imunes,

«Pelas vossas constantes orações, pelas vossas devotas peregrinações ao seu santuário, pela vossa fidelidade à prática da Fé Católica, vós ajudastes em não pequena medida o restabelecimento da paz na Europa.

«Durante estes anos tão amargos, a amizade que sempre existiu entre o meu país e o vosso país permaneceu firme e forte.

«É nessa certeza de profunda amizade que eu vos peço que vos junteis a nós, católicos da Inglaterra, e aos católicos de todo o mundo, implorando o auxilio de Deus e de sua Santa Mãe para que seja restabelecido o reino da justiça, da verdade e da caridade, de modo que todos os homens sejam inspirados pela caridade de Cristo.

«Possa a Sua intercessão e o exemplo da Sua vida immaculada ajudar a restaurar a virtude da pureza entre homens e mulheres, a santidade da vida de família, e a paz e a harmonia entre os homens de todas as nações.

«Possa Ela continuar a proteger o vosso amado país, a manter-vos sempre fiéis no serviço do Seu Divino Filho e preservar-vos de toda a discórdia e desarmonia»

Visado pela censura

O Collo de N. S. da Fátima em

ESPAÑHA

MOVIMENTO NO Sob os ramos da azinheira

SANTUÁRIO O PAPA

Não Amaldiçoa

Val por toda a Espanha, obra de espanhóis e de portugueses, um crescente entusiasmo e fervor de devoção a Nossa Senhora da Fátima.

Não é de admirar, que a Nação irmã timbrou sempre em honrar a Virgem com o que tem de melhor na arte e na natureza e na sua alma tão generosa e tão enriquecida por Deus.

Mas ver numa terra cheia de celeberrimos santuários desde Covadonga a Montserrat e ao Pilar de Saragoça erguerem-se templos e altares à Senhora aparecida em terra portuguesa...

Pois o caso vem-se repetindo de há anos para cá e aos nossos leitores temos dado noticia de tudo o que sabemos. Hoje juntamos mais duas graciosas noticias da devoção dos espanhóis a Nossa Senhora da Fátima.

EM SALAMANCA

O Senhor Bispo de Salamanca é muito devoto de Nossa Senhora da Fátima a cujo santuário da Cova da Iria já veio em peregrinação pelo menos duas vezes. Quis ter também na capela do Paço a imagem da Senhora. Pediu ao Senhor Bispo de Leiria que lhe encomendasse e acerca da sua recepção e inauguração escreveu ao Senhor D. José Alves Correia da Silva duas cartas, das quais extrahimos os períodos seguintes:

«Chegou afinal a tão desejada imagem de N.ª Senhora da Fátima para a capela do Paço Episcopal. É mui formosa, tem uma expressão angelical que desperta a confiança nos corações. Há-de contribuir muito para au-

mentar a nossa devoção à Mãe do Céu e para nela depormos toda a nossa confiança e lhe recomendarmos a Diocese que se lhe consagrou».

«A Universidade ou antes os Sacerdotes estudantes celebraram com toda a solenidade a Novena de Nossa Senhora da Conceição e, por indicação do P.º Sebastião Costa Cruz, todas as práticas trataram da Fátima. Durante a novena esteve a imagem exposta à veneração e admiração dos fiéis na Sé Catedral.

Assim se val estendendo a devoção».

EM GUADALAJARA

Diocese de Toledo, Espanha, inaugurou-se no dia 5 de Maio um altar e imagem de Nossa Senhora da Fátima, escrevendo-nos o rev. pároco maravilhado com as graças que a Santíssima Virgem all tem derramado.

A inauguração fêz-se com a presença do Governador Civil de Guadalajara e houve nesse dia mais de 500 comunhões.

Desde então, todas as tardes se rezou deante do altar de Nossa Senhora os 15 mistérios do rosário. «Toda a cidade de Guadalajara vibra de entusiasmo, diz o rev. pároco, ante la Virgencita de Portugal».

Já ali se deram curas extraordinárias que publicaremos quando nos chegarem os promettidos atestados médicos.

Com o findar da guerra vão-nos chegando mais noticias de outras nações.

No mês que vem diremos de Itália.

Outubro 22 — A Liga Agrária Católica Feminina do Patriarcado veio fazer o seu retiro espiritual aos pés de Nossa Senhora. A maioria das senhoras eram da freguesia da Benedita e as pregações foram feitas pelo Rev. Pároco desta freguesia, P.º José Susano Coelho. No último dia do retiro realizou-se o Curso de Formação para Senhoras da Liga dirigido pela Presidente Diocesana, D. Maria Isabel Peixoto.

25 — De visita a sua família em Espanha, passou pelo Santuário o Rev. Dr. Vicente Murguaciller, secretário do Bispado de Ponte (Porto Rico) América Central.

29/30 — A diocese de Aveiro em cumprimento de um voto feito pelo seu Prelado, veio em peregrinação a Nossa Senhora em número de cerca de 500 pessoas. Reuniram-se no Santuário sob a presidência de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo-Bispo de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal, e Bispo de Gurza, D. Manuel Maria Ferreira da Silva. Entre os peregrinos vinham o Senhor Governador Civil de Aveiro, presidente da Câmara de Agueda e Dr. Querubim Guimarães, Presidente da União Nacional de Aveiro. O voto feito pelo Sr. Arcebispo era a peregrinação se Nossa Senhora preservasse Portugal da Guerra. Os peregrinos fizeram a procissão das velas e passaram parte da noite em adoração ao SS.º Sacramento exposto.

As 8 horas do dia 30 o Sr. Bispo de Gurza celebrou a missa da Comunhão Geral. O Sr. Arcebispo-Bispo de Aveiro celebrou a santa Missa às 11 horas tendo os peregrinos antes da Missa feito a procissão da condução da imagem de Nossa Senhora. Ao Evangelho o Rev. Vigário Geral da Diocese, Mons. Raúl Mira, pronunciou uma formosa oração de agradecimento a Nossa Senhora. No fim da Missa o Senhor Arcebispo deu a bênção com o SS.º Sacramento aos doentes e a todo o povo e, depois da recondução da imagem de Nossa Senhora para a capelinha, os peregrinos retiraram-se tendo antes visitado o túmulo da Jacinta e do Francisco no cemitério da Fátima.

Outubro — Cerca de 30 alunas do Colégio de Jesus, Maria e José, dirigido pelas Religiosas de Santa Doroteia, vieram fazer o seu retiro espiritual. Foi conferente o Rev. P.º Júlio Marinho, S. J.

Novembro, 3 — Mais uma vez, a terceira, se realizou o dia da Reparação Nacional com o SS.º Sacramento exposto durante 24 horas. Veio assistir ao começo da adoração o Senhor Bispo de Leiria.

3 — De visita a Nossa Senhora esteve o sr. Maurice Weck, secretário da Legação da Bélgica em Lisboa que era acompanhado de sua esposa e de 2 funcionários da mesma Legação.

10 — Como tivessem de partir para as Missões de Namupa, Moçambique, vieram despedir-se de Nossa Senhora e pedir-lhe as suas bênçãos, os Rev.ªs P.ªs José dos Santos Garcia e Alexandre Valente de Matos e o irmão auxiliar José Mota, da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas, antigo Presidente da J. A. C. de Monte Redondo (Leiria).

11 — Veio pela primeira vez ao Santuário uma peregrinação Suíça. Eram 6 padres Capuchinhos, 5 irmãos auxiliares e 4 religiosas que se dirigiam às Missões Católicas do Sudoeste Africano. Os peregrinos fizeram os actos que é costume realizarem-se nas várias peregrinações, procissão das velas e adoração nocturna. Na manhã do dia 12 rezaram a santa missa na Capelinha das Aparições e depois da visita aos lugares evocativos das aparições, Cemitério da Fátima, Aljustrel, Loda do Cabeço e Valinhos, partiram alegres e confiados na protecção de Nossa Senhora, com rumo a Lisboa para daí embarcarem para a África.

São ainda do antigo Primeiro ministro italiano, Francesco Nitti, estas palavras proferidas no célebre discurso de Nápoles:

«Quando Hitler lhe (a Pio XII) pediu que amaldiçoasse a Rússia, não quis o Papa empregar nenhuma palavra de ódio ou maldição, antes proclamou para todos os homens os mesmos princípios de solidariedade crítica».

Na hora mais aguda da vida europeia, quando o nosso continente esteve mais ameaçado pela barbárie nazi, quer dizer, quando a crueldade metódica e científica, cheia de preconceitos de raça e em pleno arbitrio do poder, tornou possível a ameaça da mais horrível perseguição, o Papa Pio XII sentiu o dever de defender, quanto pôde, os direitos inalienáveis da humanidade, em nome do Cristianismo, que é uma unidade. Para Ele todos os perseguidos pertenciam à mesma família humana, até aqueles que pela sua origem e acção eram considerados inimigos da Igreja.

As frases citadas querem dizer isto, em português popular:

Hitler teve nas mãos, segundo ele pensava, o mundo inteiro. Falava grosso, ameaçava toda a gente, e a julgar pela força dos seus solda-

dos do mundo esteve-lhe no papo por um triz. Toda a gente vergava com medo. (Toda a gente, é um modo de falar; porque o Papa nunca temer, e mais algumas pessoas, mesmo cá neste pequenino e valente Portugal).

Pois foi precisamente nesta ocasião que o Santo Padre respondeu corajosamente ao senhor dos que se julgavam invencíveis e lhe pediu maldições contra um povo: não deo amaldiçoar ninguém.

Quando estalou a guerra de 1914, o imperador Francisco José, da Austria, pediu ao Sumo Pontífice Pio X que abençoasse os seus exércitos. O virtuosíssimo Papa respondeu apenas: só abenço a paz.

Pio XII, também com o prestígio da santidade, repetiu o gesto.

E no entanto, sabe-se que a Rússia actual, pelo comunismo, tem o pior dos ódios contra a Igreja. Mas Jesus Cristo também foi generoso para os seus carrascos.

Quere isto dizer que a Igreja aprova ou ao menos tolera o comunismo?

De modo nenhum. Se tal fizesse, estava contra si própria. Catolicismo e comunismo estão um para o outro como o branco mais limpo para o preto mais sujo. Um é a né-

(Continua na 1.ª página)

CRÓNICA FINANCEIRA

Uma das melhores fontes de receita da lavoura portuguesa é o gado. O ganho do gado é em vastas regiões agrícolas do país, o remédio do lavrador. Se o gado dá, o lavrador vai-se remediando. Se o gado não dá, mal vai ela.

Ora, o preço do gado em qualquer país, depende não só da abundância que nele haja em dado momento, mas também do estado dos outros países, tanto importadores como exportadores.

Na Europa, todos os países são criadores de gado, tanto bovino, como porcino, lanígero, etc., mas alguns deles, como a Inglaterra, por exemplo, não criam o bastante para o consumo e por isso têm de importar. Outros, como a França, habitualmente bastam-se a si mesmos, havendo uns anos em que importam e outros em que exportam, conforme lhes falta ou sobra. Outros, como a Holanda e a Dinamarca, criam mais carne do que consomem, e são habitualmente grandes exportadores.

Boa parte do gado criado na Europa era sustentada com forragens vindas de fora, de modo que, em algumas nações havia muito mais gado do que os pastos e forragens nacionais podiam sustentar. Quando a guerra começou e o bloqueio da Europa se tornou efectivo, a falta das forragens vindas de fora obrigou à matança de muito gado e por não haver que lhe dar de comer.

Mas o bloqueio não impediu só a entrada de forragens para o gado; impediu também o abastecimento da Europa em substâncias. Ora a maior parte das nações da Europa não se bastavam a si mesmas em géneros alimentícios e tinham de os importar em grande escala. Logo que as importações se tornaram impossíveis, essas nações tiveram de se remediar com os seus próprios recursos. Muitas terras que antes se destinavam a pastagens, foram semeadas de cereais, batatas e outros géneros para alimentação do homem, o que mais reduziu ainda a quantidade de forragens disponíveis para sustento dos animais. Esta transformação de culturas obrigou a novas matanças para adaptar o número de cabeças às forragens disponíveis.

Foi por este processo que os paí-

ses beligerantes do continente europeu se foram abastecendo de carne durante a guerra, de modo que foi sempre possível dar às populações uma ração de carne suficiente para a conservação da vida.

É verdade que a redução sucessiva do número de cabeças de gado estava a crear um problema grave para o futuro, mas os grandes países exportadores de carne de certo modo lhe estavam já facilitando a solução, pelo aumento da sua produção. Assim, a Austrália, a Nova Zelândia e a Argentina, tinham aumentado de muito o número de cabeças de gado durante a guerra e a própria América do Norte fizera o mesmo, de modo que, no fim de 1944, havia mais gado no mundo do que no princípio da guerra.

Infelizmente, a partir do princípio de 1945, tudo mudou. Nas diversas frentes europeias, as últimas batalhas e sucessivas retiradas dos exércitos alemães deram ocasião a destruições sucessivas das existências de gado de todas as espécies e o resultado foi que as nações atingidas ficaram quasi desprovidas de gados. Por outro lado, a destruição dos gados russos tinha sido levada tão longe que nunca a Rússia tivera tão pouco gado, nem mesmo em 1932, quando os lavradores russos resolveram matar todos os seus gados antes que o Governo lhes tirasse.

Ao mesmo tempo que isto se passava na Europa, nos grandes países exportadores, como a Austrália e a Argentina, a seca fazia nos gados enormes destruições. Foram aos milhões as cabeças de gado que a fome destruiu desde meados de 1944 até ao verão de 1945.

O resultado destas destruições na Europa e fora dela, foi que se tornou impossível, pelo menos durante os anos mais chegados, abastecer de carne os mercados europeus. A carne será um artigo raro durante os anos mais chegados, e portanto cara. Criar gado será durante alguns anos negócio rendoso. Para ele chamamos a atenção dos nossos muito prezados leitores, lembrando-lhes que as destruições feitas pela primeira Grande Guerra nos gados europeus foram muito menos importantes do que os desta segunda, e não obstante foram precisos oito anos para os reparar.

Pacheco de Amorim

TIRAGEM DA VOZ DA FÁTIMA

NO MES DE DEZEMBRO

Table with 2 columns: Region and Amount. Includes Algarve (7.728), Angra (16.488), Aveiro (6.566), Beja (4.874), Braga (46.698), Bragança (7.575), Coimbra (9.861), Evora (4.025), Funchal (10.012), Guarda (10.369), Lamego (7.519), Leiria (10.466), Lisboa (12.770), Portalegre (9.737), Pôrto (38.455), Vila Real (16.125), Viseu (5.434). Total: 224.702. Estrangeiro: 3.647. Diversos: 8.651. Total: 237.000.

MEIAS BARATAS!

Table listing various types of stockings and their prices. Includes 'Meias seda gase saldo 2 lotes 11\$50 e ... 9\$50', 'Meias seda tipo natural 24\$50 e ... 19\$80', 'Meias linho fino duráveis 15\$ e ... 11\$50', 'Meias seda natural finíssima Saldo ... 35\$00', 'Fatinhos lá sintética p.ª meninas e meninas c/ lindos bordados a cor ... 75\$00', 'Robes bordados p.ª criança novidade ... 55\$00', 'Babete c/ desenhos originais ... 6\$00'. Location: PROVINCIA E ILHAS, enviamos tudo contra reembolso.



SALDOS

que a todos interessam!!!

ARTIGOS PARA INVERNO!

FAZENDAS DE Lã - FLANELAS

Table listing various clothing items and their prices. Includes 'Fantasias lá p.ª vestidos ... 17\$00', 'Fantasias lá sortido cores ... 22\$00', 'Fantasias crepe, m.ª cores ... 34\$50', 'Fazendas casaco, reqlamo ... 32\$50', 'Fazendas casaco, boas cores ... 56\$50', 'Veludos lá, moda; 78\$00 e ... 70\$00', 'Boas fantasias cardadas ... 12\$40', 'Flanelas fantasia, robes ... 14\$50', 'Lindas flanelas c/ florinhas e ramagens de robes ... 16\$00'. Location: Armazéns Populares da PRINCESA DAS MEIAS, Rua do Crucifixo, 75, 1.ª Lisboa (Próximo de N.ª S.ª da Vitória).

ATENÇÃO!

Todas as vendas das Meias Baratas da 'Princesa' só na

Rua do Crucifixo, 75 11

Provincia e Ilhas, Amostras Grátis e tudo a contra-reembolso!!!

EUMAREIRA

a casa por excelência. Papelaria, artigos eléctricos, meias, etc.

Rua Augusto Machado, 11 Azeiteiro - LISBOA Norte

SEDE SANTOS!

Livrinho de óptimas meditações, traduzido do italiano, 7\$50. GRÁFICA - LEIRIA

Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor JOÃO DA SILVA

Graças de N. S. da Fátima

REI PRETO

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas. De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

Ivo Gonçalves Costa, Figueiró do Campo, escreve: «Achoando-se gravemente enferma a minha filha Maria, veio o nosso médico, Dr. Júlio de Oliveira, de Condeixa, que diagnosticou tratar-se de uma lesão cardíaca tão grave que seria impossível já curar-se. Entretanto, acompanhou a doente durante três meses, chegando por fim a dizer que já não voltaria, pois se tratava de um caso perdido. Mandei chamar outro médico de grande fama na região, sr. dr. José Cristiano, de Verri-de, que disse o mesmo; a minha filha poderia viver ainda alguns escassos meses, mas também podia succumbir a cada momento. Foi então que me voltei para Nossa Senhora da Fátima, prometendo publicar a graça e ser assinante da «Voz da Fátima». A minha prece, cheia de fé, foi atendida. Começamos uma novena em família, e no fim dos nove dias, a minha filha estava curada. Hoje, por Deus, é forte, casou e já é mãe. Graças sejam dadas a Nossa Senhora da Fátima.

P. J. Diniz da Costa, O. F. M., Funchal, escreve: «Peço-me Maria Augusta de Freitas para enviar ao Santuário uma esmola e a notícia de uma graça alcançada.

Estava o seu genro João Rodrigues paralítico havia muitos anos. Lembrou-se a família de fazer com ele uma novena a Nossa Senhora da Fátima. Ao fim dos nove dias estava curado inteiramente. Por ser verdade o afirmo eu também. Não vai o atestado médico pois o enfermo já não se estava a tratar com médico algum.

D. Ana Ventura, Benafim-Alto, diz que teve uma sua sobrinha muito mal com albumina no período de gravidez. Além disso deu uma queda de cima de uma cavalgadura, agravando-se-lhe o mal. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe a graça da criança nascer sem defeito e, ao menos, com tempo de poder ser baptizada. Apesar do médico haver dito que se a mãe escapasse, ficaria no dias sem o uso das suas faculdades mentais, a intervenção de Nossa Senhora fez com que ela se curasse em três dias, morrendo apenas a filhinha. O próprio médico se espantou ao saber da facilidade do nascimento da criança.

D. Maria da Conceição de Madureira Fernandes, Burgães, Santo Tirso, diz que seu pai, mestre de obras, caiu de uma prancha, à altura de dez metros, tendo sido levado ao Hospital de Santo António, do Porto, onde esteve entre a vida e a morte.

Recorreu então a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe a cura do pai. A sua prece foi atendida. O pai ficou completamente curado e a trabalhar como antes do desastre.

D. M.ª Adelaide da Rocha B. G. Spratley, Porto, fôra submetida a uma melindrosa operação, em 19 de Julho de 1939, decorrendo esta o melhor possível. Passados porém nove dias, começou a sentir-se muito mal com vômitos negros. Afirmaram os médicos ser gravíssimo o seu estado. Entretanto, a enferma que já andava a tomar água do Santuário da Fátima, continuou, pedindo, cheia de fé, a Nossa Senhora que a curasse pois tinha dois filhos pequeninos que muito lhe custava deixar na orfandade. Feita, já sem forças, uma pequena oração a Nossa Senhora da Fátima, daí a instantes cessaram os vômitos, dizendo a doente, já muito sossegada, que ia dormir, principian-do desde logo a sentir-se curada.

Cheia de reconhecimento vem agradecer a Nossa Senhora tão extraordinária graça.

D. Maria Júlia Almolda, Resende,

diz: «No dia 18 de Junho de 1938, adoeceu o meu pai com uma pneumonia dupla. Devido à sua idade, 65 anos, e a complicações várias do fígado, intestinos e coração, o médico declarou não ter esperanças de o salvar. Vendo esgotados todos os recursos da ciência, comeci então uma novena a Nossa Senhora da Fátima e a Santa Tereza do Menino Jesus, dando a beber a meu Pai, água do Santuário da Fátima. Do meio da novena em diante principiou a melhorar; no fim da novena já se levantou para uma cadeira. O médico que todos os dias o visitava afirmou, não saber como explicar tão rápida cura.

EM CABO VERDE

Rev. P.º Lucas Machado, S. Vicente de Cabo-Verde, escreve: «Encontrando-se gravemente enferma a Senhora D. Inês Andrade Arroja, casada com José Martins Arroja, natural de Ilhavo e condutor das Obras Públicas nesta ilha, recorri a Nossa Senhora da Fátima pedindo a graça de a salvar e de ser bem sucedida na operação cirúrgica feita no dia 10 de Agosto de 1939.

Visitei a dita senhora na antevéspera da operação e falei-lhe em Nossa Senhora dando-lhe um pouco de água que eu tinha trazido da Cova da Iria em maio de 1938. Ficou radiante bebendo da água na véspera e no dia da operação. Os médicos assistentes disseram-lhe, momentos antes de ser operada, no hospital desta cidade: «tenha fé em Deus e confiança nos médicos», ao que ela retorquiu: «Tenho confiança em Nossa Senhora da Fátima cuja água do seu Santuário acabei de beber».

Correu tudo bem e o desenlace fatal não se deu. Marido, filhos e pessoas amigas atribuíram tudo a Nossa Senhora.

Conforme a promessa feita foi celebrada uma missa em acção de graças no dia 13 de outubro na capela de Nossa Senhora da Fátima do Mato Inglês, desta ilha, que dista 8 quilómetros da cidade do Mindelo. Centenas de pessoas de todas as categorias, acorreram em peregrinação ao local, umas a pé, outras de automóvel. A capela, bastante espaçosa, foi insuficiente. Essa capela tinha sido construída há seis anos. Houve 32 comunhões. Assistiu o sr. dr. Fonseca, médico operador e duas enfermeiras. Glória a Nossa Senhora da Fátima!

NO BRASIL

D. Lúcia de Freitas Netto, Campinas, Estado de S. Paulo, escreve: «Eu e minha família fomos chamados à pressa para ver o meu tio, Dr. José de Freitas Guimarães, que estava muito mal. Partimos logo para Santos. Era num sábado, à noite; meu tio estava tão mal que os médicos disseram ser um caso perdido e que não tinham mais nada a fazer. Mas eu tinha levado água da Fátima que as minhas primas deram ao enfermo, ao mesmo tempo que rezávamos a novena à Virgem. Meu tio que já se tinha despedido de todos e entrara em agonia, começou a melhorar aos poucos e no dia seguinte encontrava-se muito melhor; melhoras estas que se foram acentuando até ficar curado completamente. Não foi esta a primeira graça que consegui da Virgem da Fátima. Minha Mãe também esteve à morte e curou-se, graças a Nossa Senhora; uma tia curou-se igualmente pela mesma intervenção bem como um meu primo que os médicos haviam também abandonado. Deixo aqui exarada toda a minha gratidão e reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima».

D. Isabel Falcão de Miranda, S. Paulo, escreve: «Em público testemunho da minha profunda gratidão por tantas graças obtidas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, quer em Portugal, quer aqui no Brasil, desejo impressas nas páginas da «Voz da Fátima» estas palavras de fervoroso reconhecimento. São inúmeras as graças que por sua mediação tenho obtido e é-me impossível nomeá-las todas.

Agradecem a Nossa Senhora da Fátima as graças recebidas

- D. Ludovina G. de Mendonça, V. R. de Santo António.
- D. Ana Corvelo Mendonça, Fajozinha.
- D. Laura P. Gomes, Flores, Açores.
- D. M.ª Adelaide Cardoso Flores, Fajoa Grande.
- D. Maria F. Armetim, S. Jorge.
- D. Beatriz Rodrigues, Viseu.
- D. Maria dos Anjos, Pico.
- Manuel F. Paim, Pico.
- D. Luzia Claudina, Pico.
- D. Maria da C. Arcio, Vila Nova.
- D. Vicência Mateus, Elvas.
- José Ribeiro do Rêgo, V. do Castelo.
- D. Maria Miquelina Correia, Sabugal.

VOZ DA FATIMA

Edição em espanhol e inglês

Para satisfazer a ansiedade de notícias das coisas da Fátima que se nota nos países de língua inglesa e nos de língua espanhola a Direcção da «Voz da Fátima» resolveu publicar de Janeiro em diante uma edição bilingue em inglês e espanhol, até que possa publicar cada edição em separado.

A Direcção agradece a remessa de nomes e direcções de pessoas a quem o jornal possa interessar.

VOZ DA FATIMA DESPESAS

Transporte	3.139.839\$11
Papel, imp. do n.º 279	23.014\$90
Franq., emb. transporte do n.º 279 ...	4.621\$60
Na Administração ...	300\$00
	3.167.775\$61

Esmolas desde 20\$00

- D. Amélia Martins, 20\$00; Vitorino Silva Coelho, Fíães, 50\$00;
- D. Laura Ventura, Alto, 20\$00; D. Armada Bessone Pereira, 50\$00;
- D. Adelinha Fernandes, Califórnia, 200\$00; D. M.ª Isabel da Gama Buquo, 20\$00; D. M.ª da C. Fernandes, Santo Tirso, 20\$00; Miguel Baía Coelho, Pôrto, 60\$00; Pároco de Linhares, 48\$00; D. M.ª Apolónia C. Dias Nunes, Tortozendo, 20\$00; Augusto Macedo, Lisboa, 20\$00; Luís Teixeira de Magalhães, Penafiel, 20\$00; João Gaulart Garcia, Açores, 80\$00; D. Maria do Céu Machado, Flores, 27\$00; Mons. M. José Silva, Califórnia, 119\$00;
- D. Olinda E. Gonçalves, Pôrto, 20\$00; D. Carolina Chaves, S. Paulo, 50\$00; D. Maria Augusta Moura Borges, A-dos-Cunhados, 40\$00; Francisco José Tomás, Flores, 20\$00; D. Emilia do C. Leite, América, 44\$00.

O Papa não amaldiçoa

(Continuação da 1.ª página)

gação do outro. A Igreja serve a Deus, o comunismo é o pedestal de sataná.

Mas a Igreja não odia ninguém. Amaldiçoa os erros, e abençoa todos os homens — de qualquer cor, ou país, ou classe. Todos são criaturas de Deus.

Ela condenou o comunismo, por uma encíclica de Pio XI e por outros documentos autorizados. E que re que todos o combatamos. Como? Pela fé, por uma vida de costumes santos, amor ao trabalho sério, amor à Pátria, respeito pelos que nos governam sem ofensa da lei de Deus, caridade para todos.

Aquela palavra de Pio XII, não amaldiçoando um povo, quer dizer o mesmo que Santo Agostinho disse há quasi 1.600 anos: interdicite errores, diligite homines — matai os erros, (por uma vida cristã), mas amai os homens! P.º ROCHA

Lembra-me como se fosse ontem. Estávamos todos oito na casa de jantar, onde a mãe cortava umas roupas sobre a mesa, quando o pai entrou com uma grande caixa. Sorriundo um pouco misteriosamente, a mãe juntou à pressa os bocados de pano para fazer lugar à caixa que o pai passou a abrir com ar solene. Escusado será dizer que nos juntamos todos em redor, pegando a mãe ao colo no mais pequenino e eu, que, se não era a mais velha era a mais forte, ajudando-me com o de dois anos que gritava que também queria ver.

Papéis e mais papéis e começam a sair da caixa os mais lindos Reis Magos que nós ousaríamos sonhar.

Tinha eu tido um grande desgosto na véspera porque a minha única boneca — por sinal um boneco preto de celulósido — tinha acabado miseravelmente esborrachado. Os meus olhos iam, pois, especialmente para o Rei negro cujo rosto me fazia tanto lembrar o meu caro bonequinho.

Mirado e admirado — além de toda a expressão — o precioso presente, que ruidosamente agradecemos pendurando-nos, quasi todos ao mesmo tempo, ao pescoço do pai, resolveu-se guardar as três estatuetas dentro da caixa do velho relógio. Ficariam ali até ao dia seguinte, à noite, dia 5, em que iriam ocupar o seu lugar no Presépio, armado na sala de visitas, para maior resguardo das nossas travessuras.

Lá o fomos visitar em seguida, fazer diante dela as nossas orações da noite e em breve toda a casa mergulhava no mais profundo silêncio.

Eu, porém, não podia dormir. Fazia-me tanta falta o meu pretinho, que punha sempre sob a almofada — não fosse ele cair de noite — e estava tão cobigosa do Rei preto com seus vestidos e seu turbante recamados de ouro...

A certa altura não me pude ter. A luz da lamparina saltei da cama e, pé ante pé, fui abrir a porta do quarto que dava para o corredor. A da casa de jantar era mesmo em frente e, por sorte, estava aberta. Como morávamos num segundo andar sem vizinhos defronte, também não havia maior cuidado em cerrar as portas de madeira das janelas, pelas quais entrava francamente a iluminação da rua.

Aproximei-me do relógio que, indifferente ao tesouro que guardava na base, seguia no seu monótono tic-tac. Tremendo, abri-lhe a porta, abaixei-me e, ao acaso, apanhei um dos vultos. Era exactamente o «meu» Rei! Abracei-me a ele, fechei o relógio e voltei para o quarto. Mas o coração batia-me agora descompassadamente, nos ouvidos um zumbido insuportável, os olhos pareciam cegos ou que a luz da lamparina tivesse ainda baixado.

As apalpadelas, lá cheguei à minha cama. Ao saltar-lhe para cima, não sei como, a Imagem deu no ferro e foi-se ao chão. Ao ruído, a luz no quarto dos pais abria-se e não tive tempo senão de enfiar-me sob a roupa e semi-cerrar os olhos antes que surgisse a figura da mãezinha, de roupão e chinelos, a passar-nos revista.

Como tudo lhe parecesse em ordem, retirou imediatamente e fechou a luz.

A lamparina ardia sempre. Deslizei para o tapete, apanhei o meu Rei mesmo ali — decapitado! — e um pouco mais adiante a sua pobre cabecinha.

Com tudo bem apertado contra o peito, meti-me de novo na cama e, apesar dos remorsos que sentia — talvez os primeiros remorsos da

minha vida de sete anos — adormeci profundamente.

Ao despertar, já com minhas irmãs a tagarelarem e a vestirem-se e, antes que se me apresentasse a mente todo o horror da minha situação, tive uma ideia.

No andar de cima morava uma professora aposentada que nas últimas férias tinha dado umas lições às minhas irmãs mais velhas, alunas da escola pública, e que minha mãe continuava a visitar na esperança de lhe modificar a sua maneira de pensar quanto a religião. Lembrei-me de que uma vez a tinha visto colar umas loijas antigas e já estava a ver o meu Rei noitinho em fôlha.

Cada uma de nós — e cada um — tinha debaixo do seu leito uma caixa com as suas coisas, os seus brinquedos, que levávamos para o quarto da costura ou a varanda consoante o lugar onde pernanciamos. Meti na minha, as escondidas, o Rei e a cabeça e, depois do café, pedi licença à mãezinha para ir a casa da dita vizinha.

— Vai, filha — respondeu-me o pai — e oxalá lhe possa fazer algum bem.

Alguns bem?!... Que bem seria preciso fazer a uma pessoa que tinha o condão de colar cabeças de reis?

D. Justina recebeu-me como sempre um pouco friamente. Eu, porém, não me intimidei e expus o meu caso com toda a simplicidade. Já ela ia tirando de um armário um pincel, o milagroso frasquinho de cola e uns pâninhos por certo não menos milagrosos.

O meu entusiasmo não me deixava estar calada. Não sei bem que disse, mas falei, falei — disse coisas e coisas — e lembra-me que por fim ela sorria e, contra o seu costume, se tornava também faladora. — Pronto! Já está feito — disse a certa altura. Aqui o tens. Mas, toma cuidado, não bataz com ele outra vez. E agora? Dizes à tua mãe?

— Digo, pois! E tenho de lhe pedir perdão. E também ao Menino Jesus que ia ficando sem o seu Rei preto por minha causa... Se visse como o nosso Presépio está lindo!... Não quer ir vê-lo? Não é amigo do Menino Jesus?

— Se eu tivesse tido uns pais como os teus, talvez fosse também amiga dele... Mas...

— Não faz mal Venha à mesmal — decidi prontamente.

— Pois sim... Logo à noite.

— Combinado!... Veja lá!...

E abalei escada abaixo em risco de causar novo desastre.

Depois do jantar, mesmo quando colocávamos os Reis no Presépio, apareceu D. Justina. Assistiu às nossas orações da noite, ficando ainda a fazer serão com a mãezinha e no dia seguinte veio-la pela primeira vez na missa. Quando estávamos para nos sentarmos à mesa, apareceu um rapazito da sua parte com um enorme bolo-rei e meus pais não quiseram cortá-lo sem que ela viesse tomar parte na nossa festa.

Era o principio da viagem dessa alma para Deus.

As vezes uma coisa tão pequenina...

M. de F.

Srs. Agricultores

Oferecemos grátis um bom calendário de parede a quem vier buscá-lo a:

Agência Geral dos Lavradores e Agricultores de Portugal, L.ª Avenida Almirante Reis, 103-1.ª

LISBOA

Também o enviamos para qualquer parte do país e ilhas a quem remeter dois escudos em selos de correio para despesas.

CONVERSANDO

AINDA O 1.º Congresso Luso-Espanhol da Fátima

Oferecido com a mesma delicadeza penhorante que primeiramente me trouxe o livro das conferências dos Teólogos portugueses no 1.º Congresso Mariano Luso-Espanhol da Fátima em 1944, recebi também, ha dias, o livro das conferências dos Teólogos espanhóis neste Congresso.

Os dois livros completam-se, documentando notavelmente o grande acontecimento que foi o 25.º aniversário das revelações de Nossa Senhora da Fátima e a consagração de todo o mundo, dentro deste aniversário, pelo Sumo Pontífice Pio XII ao Imaculado Coração de Maria. As conferências desenvolvem-se em volta deste maravilhoso motivo; constituem, por isso, no seu harmónico conjunto, uma preciosíssima *Suma Teológica* das verdades da Igreja acerca da Virgem Maria como co-redentora do género humano.

É admirável e consolador acompanhar, sentindo e meditando, através das suas páginas, o delicadíssimo recorte da figura augusta daquele que, vindo a ser Mãe de Jesus para redimir o mundo, com Jesus se identificou, em condições de inefável ternura e de supremo sacrifício, para este mesmo fim de redenção: é assim, ao mesmo tempo que Mãe de Deus, a doce e clemente Mãe dos homens!

Como se lê no prefácio do livro dos Teólogos espanhóis, a secção por estes formada ocupou-se em especial de um tema coordenado, — o Imaculado Coração de Maria —, ao passo que a secção portuguesa versou temas variados e mais intimamente ligados à mensagem da Fátima e ao seu conteúdo doutrinal.

Ambas as Secções, porém, no complexo dos seus estudos, com os melhores recursos da teologia ascética e da teologia científica ou positiva, convergem inteiramente à demonstração das grandezas de poder e de glória da Virgem Santíssima sobre a terra e nos céus. Firmam clara e sólidamente as suas conclusões nos santos textos bíblicos e na longa Tradição da Igreja, seguindo e desenvolvendo, com destaque de orientação, a doutrina de livros como *«A Sagrada Mãe de Deus»* (1643) que o congressista Frei José M. Delgado declara ser *«um dos maiores monumentos literários dedicados à Mãe de Deus»* e de que é autor Frei Silvestre de Saavedra; *«O Coração Admirável da Santíssima Mãe de Deus»* (1681), livro de S. João Eudes, que teve o mérito *«de haver dado relevo e forma concreta à devoção ao seu coração de dedicação e ternura da Virgem Santíssima, consagrando-a no símbolo do seu Imaculado Coração»*; e o *«Coração da Mãe de Amor, obra profunda e piedosa»* no dizer de um congressista e de que é autor Mons. Tiago Sinibaldi, o saudoso sacerdote que o Santo Padre Leão XIII enviou a Portugal, de propósito, para restaurar em Coimbra o ensino da Filosofia de S. Tomás de Aquino, de

que nos deixou, na nossa língua, um compêndio em dois grossos volumes de reconhecido e alto valor.

Neste ambiente de claridades divinas passam misteriosas vozes no interior das almas que fodos, bem escutando, podem facilmente perceber.

Mas o Congresso, que deste modo teve um incontestável valor de piedade e apologética, teve-o também de nítida consagração política.

O próprio livro da secção espanhola salienta, no prefácio, a cooperação do Ex.º Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros da Nação vizinha nos trabalhos preparatórios do Congresso por parte dos Mariólogos espanhóis e diz dessa cooperação que o mesmo sr. Ministro *«não só viu o projecto com o maior agrado, mas que também nos proporcionou toda a sorte de facilidades para a sua feliz realização»*. Apresenta a seguir um quadro de honra das pessoas da mais alta categoria social da Espanha com a declaração de serem protectores perpétuos da Sociedade Mariológica Espanhola.

Entre estas pessoas reparei comovidamente que uma delas era Sua Ex.ª Rev.ª o senhor D. Camilo Balester, venerando Bispo de Victoria (Espanha); passou uma grande parte do seu apostolado na igreja de S. Luís dos Franceses, em Lisboa, como religioso dos Rev.ªs Padres da Missão, e aqui deixou imensas saudades e reconhecimento. Do que ele foi, a bem do nosso País, falam ainda com clamorosa eloquência as edições de *«Os Quatro Evangelhos e os Actos dos Apóstolos e de «As Epístolas dos Apóstolos e o Apocalypse»*, que fez respectivamente em 1916 e 1917, acrescentando, a cada uma delas, uma introdução, gravuras, mapas, análises e índices, de subido apêço. E também do mesmo queridíssimo amigo de Portugal fala, com viva eficiência, o *«Manual do Soldado Português Católico»* que, adoptado pela Comissão Central da Assistência Religiosa em Campanha, saiu a lume em 1917.

Aludindo à Sociedade Mariológica Portuguesa, já felizmente em realização sob os bons auspícios de Sua Ex.ª Rev.ª o senhor Bispo de Leiria, e depois de registar que em boa hora se reuniu na Fátima o Congresso Luso-Espanhol, pois *«o lugar escolhido bem merecia a honra de uma excepção e que «portugueses e espanhóis nos sentámos naqueles dias mais irmãos que nunca»*. — o livro da Secção espanhola remata nestas palavras:

«É este, pois, o laço de união permanente que estreitará para sempre os mariólogos espanhóis e portugueses».

Assim o esperamos também. A história tem marcado sempre para Portugal e Espanha um certo paralelismo nos seus grandes impulsos de civilização.

Verificamo-lo para a reconquis-

ta cristã contra a Moirama; verificamo-lo para o período áureo dos descobrimentos pelo globo nos séculos XV e XVI; e verificamo-lo, outrossim, para a defesa da civilização cristã nestes nossos tormentosos dias.

Não só isto. Nos seus movimentos de feliz competição mal são os naturais rumores da inveja, tudo se resolvendo profundamente em eficientes progressos, sem diminuição da autonomia de cada uma das duas Nações irmãs.

Quando a Espanha dá a Portugal o espanhol S. Francisco de Xavier, o novo S. Paulo das gentes do Oriente, Portugal dá à Espanha o português S. João de Deus, um dos mais ardentes peregrinos da caridade humana.

Este dar-se sem medida, mas sempre cada um seguro da sua própria personalidade colectiva, é o símbolo característico das relações de vizinhança de Portugal e da Espanha, — símbolo agora melhor consagrado sob o signo glorioso de Nossa Senhora do Rosário da Fátima. *A. Lino Netto*

PALAVRAS MANSAS

TRENTO

No dia treze de Dezembro, Mons. José de Castro fez, no salão nobre do Seminário do Porto, uma conferência notável sobre D. Fr. Baltazar Limpo que representou os prelados de Portugal na primeira abertura do concílio de Trento. Trabalho de historiador criterioso e documentado.

D. Frei Baltazar Limpo foi como Bispo do Porto, esclarecido, austero e zeloso, e, mais pobre do que tinha ido voltou da Itália dois anos volvidos, para ser pouco depois entronizado na Sé primacial de Braga. Douto, virtuoso, inteiriço, eloquente, com uma boca do mais puro molde português, afeita a dizer a verdade, dentro e fora da igreja, o Bispo do Porto fez-se respeitar e ouvir com atenção no concílio. É um nome que reluz.

O facto de ter ido de muito longe, vergando ao peso dos anos, já com poucos dentes, dava-lhe uma coragem serena e desassomburada, verdadeiramente apostólica. Tinha ido do fim do mundo, por terra e mar, para conhecer também melhor o estado de alma em que homens da sua terra partiam para as descobertas... Havia, pois, na sua obediência uma como que imolação generosa e comovedora.

A conferência não só seguiu o grande Bispo passo a passo e dia a dia, desde o Porto a Barcelona, Génova e Trento com uma devoção religiosa e desvanecidamente portuguesa, mas também o tornou presente e como que ainda vivo, com as suas palavras e

com as suas razões, com os seus pareceres e com as suas queixas, com os seus triunfos e com os seus sacrifícios, que, até sob o aspecto temporal, lhe deviam dar por vezes, tão longe e tão só, uma impressão de abandono.

Que fé em Deus e que amor à Igreja erguia então a um plano de maravilha, diante da surpresa e do pasmo de todo o mundo, a assinalada gente da ocidental praia lusitana!

O passo mais impressionante da conferência foi incontestavelmente a narrativa da visita do Bispo do Porto ao Presidente da Igreja de Deus, Paulo III, pontífice da renascença, mas com uma vontade tão forte e irreductível, que, cedo ou tarde, lograva sempre dominar as vontades encapeladas pelas paixões políticas deste ou daquele momento.

A convocação do concílio pôs-lhe à prova a paciência — esta forma discreta e humilde da vontade. Os princípios cristãos desavindos não ouviam docilmente a voz da Igreja. Mas Paulo III não era daqueles que as dificuldades quebrantam e esmorecem.

Legados, bulas e breves vão por todos os caminhos lembrar aos príncipes e aos Bispos o seu dever momentoso. Era da sua missão reunir o concílio e, houvesse o que houvesse, havia de reuni-lo!

O Bispo do Porto ajoelhou diante do Papa com uma fé que vieria de longe, de cada vez mais acesa, e com uma dedicação que se tornava mais fervorosa e inabalável junto da pedra basilar, fundamental. Via diante de si, numa espécie de desdobração da alma, uma das suas maiores devoções de português e de Bispo. Via Pedro!

Abençoado caminho! Sentia agora, como nunca, que para quem é e ama não há longes.

Animado pelo Pontífice, falou da reforma da Igreja com uma sinceridade límpida e franca, que por aqueles tempos ia raras vezes a Roma! Essa reforma era da competência do Papa, que bem poderia fazê-la por si só! Reforma de cima para baixo, sem contemplos e com ninguém.

Envolve esta devoção uma tão viva luz de ressurgimento, que vemos a figura do Bispo, fixamos as suas palavras e até ouvimos a sua voz lenta, insinuante, pastoral e timbrada sempre por um acento inconfundivelmente português, voz que há-de prolongar depois, lá para o fim do concílio, — e com que firmeza e prestígio! — D. Fr. Bartolomeu dos Mártires.

As felicitações ao conferente juntou o sr. D. Agostinho, Bispo do Porto, a feliz lembrança de que estávamos precisamente no início do quarto centenário do Concílio de Trento, que reuniu pela primeira vez em 13 de dezembro de 1545.

Resposta da Igreja a Lutero, como disse António Cândido. Verdade é falar-nos mais uma vez, solenemente.

A Verdade-dogma e a Verdade-disciplinária.

Vai no quarto volume a obra em que Mons. José de Castro estuda o Concílio de Trento. É preciso lê-la, difundi-la, recomendá-la.

Os dois aspectos mais impressionantes do século de ouro da Igreja em Portugal são incontestavelmente a evangelização ultramarina e a representação em Trento. Este, que tanto nos enalteceu, ninguém, até hoje o versou melhor entre nós, do que Mons. José de Castro.

Trabalho feito sobre as actas do concílio, sobre documentação do Arquivo do Vaticano, sobre depoimentos dos contemporâneos, sobre a correspondência trocada entre a corte de Lisboa e Bispos e embaixadores em Roma e no concílio e sobre os mais célebres historiadores da grande e ecuménica assembleia — trabalho enorme e magistral que honra o seu autor e nos honra também a todos.

A comemoração centenária entre nós estará sobretudo na publicação dessa obra.

Que pois, o clero português a leia e releia a bem do seu espírito e a bem da sua cultura. CORREIA PINTO

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª Série)

XIV

Muito Rico e Muito Burro

Um magistrado que, durante largos anos, desempenhou, com a maior austeridade e competência, altas funções públicas, ao recetar fielmente a sua produção. Em regra, passavam, altas horas da noite, em carros de bois ou em automóveis, sacos de milho, que fugiam ao tabelamento. Tenho um velho amigo, que vive dos rendimentos que lhe dá a sua profissão. Herdou uma quinta e, naquele ano calamitoso, teimou em entregar à freguesia todo o produto das suas terras.

O povo reparou na generosa atitude daquele meu velho amigo, que, diga-se de passagem, não é nada tolo e não tem quaisquer ambições de riqueza. O povo reparou na sua generosa atitude, mas não a agradeceu, nem a compreendeu. Confrontava-se, em largas conversas, a atitude daquele meu amigo com a da maior parte dos outros proprietários.

Enquanto aquele vendia o milho à mísera tabela, os outros levavam-no para longe, onde o vendiam cinco vezes mais caro. Estes lavradores gananciosos eram duramente classificados. Mas, ao confrontar-se o seu procedimento com o do meu ingénuo amigo, o povo explicava muito simplesmente:

— «F. é muito rico e muito burro...»

J. A. Pires de Lima

Agosto de 1945

(1) António Augusto Pires de Lima — *Administração pública — Subsídio para o estudo de alguns problemas*, Porto 1945.

Agosto de 1945

— «F. é muito rico e muito burro...»

Agosto de 1945